



## Consumo do corpo e para o corpo: transformação do corpo branco em corpo tropical

Garcia, Luz Neira; Doutora; [design.luz@terra.com.br](mailto:design.luz@terra.com.br)<sup>1</sup>

Guimarães, Maria Eduarda Araujo; Doutora; Centro Universitário Senac; [guimaraes.madu@uol.com.br](mailto:guimaraes.madu@uol.com.br).<sup>2</sup>

Grupo de Pesquisa em Comportamento e Cultura.

### RESUMO

O corpo que tratamos na pesquisa é o corpo do outro, daquele que quase não está contido na história, pois não é definido como o corpo belo. Muito já foi escrito sobre o branqueamento como forma de alcançar a beleza e que ainda hoje é um discurso presente em países do hemisfério sul, com grande repercussão na indústria de cosméticos. O que buscamos é entender o movimento contrário e de que pouco se fala, o da transformação do corpo branco no corpo tropical. A ideia de tropical nasce das primeiras descrições sobre os habitantes do hemisfério sul e está associado às imagens construídas a partir do século XVI por viajantes e aventureiros que descrevem essa nova paisagem e habitantes por meio de adjetivos como primitivos, selvagem, bárbaros, exóticos, etc. que apontam para uma hierarquização das diferenças. Autores como Montaigne (1580); André Thevet (1558) e Hans Staden (1557) apresentaram ao mundo esse corpo não civilizado, essa alteridade inédita. Com descrições de cores variadas, esse corpo pode ser negro; moreno; vermelho; azeitonado, uma variada gama de cores descreve-o, mas só uma é usada para a sua oposição: o branco. Esse corpo fascinará os homens, que querem possuir e dominá-

---

<sup>1</sup> Doutora pela FAU- USP, atualmente coordena o projeto Fashion For Future ([www.fashion-for-future.com](http://www.fashion-for-future.com)), que é uma plataforma de informação em moda dedicada a estudantes e a jovens profissionais e pesquisa o eurocentrismo na moda.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp; atualmente é professora do curso de Design de Moda do Centro Universitário Senac e pesquisadora na área de cultura e consumo. É líder do Grupo de Pesquisa em Comportamento e Cultura do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.



lo, e as mulheres, que querem usufruir da implícita sensualidade dessa aparência e estilo de vida, de forma efêmera, transitória, utilizando recursos reversíveis, como a moda; bronzeamento; cosméticos e acessórios. Na história da beleza, o corpo branco e a tez pálida foram o padrão de beleza, mas a partir dos anos 1930 uma ênfase nas práticas de lazer relacionadas à natureza, tornaram o corpo bronzeado um ideal de beleza e as revistas e o cinema começaram a difundir essa beleza sedutora, que o consumo tornou possível alcançar. Roupas de praia que desnudam parcialmente o corpo; cores e estampas da flora tropical; *animal print*; cabelos frisados e encaracolados e um arsenal de acessórios que remetem às culturas da América Latina e África com frequência aparecem nas chamadas tendências, especialmente do verão. A metodologia aplicada foi a leitura crítica dos autores que constroem a ideia de tropical e beleza e pesquisa em revistas e filmes, a partir dos anos 1930, buscando imagens da tropicalização dos corpos. Marcel Mauss (*As técnicas corporais*, 1976); Georges Vigarello (*História da Beleza*, 2006) e Umberto Eco (*História da Beleza*, 2010) foram alguns dos autores que embasaram a pesquisa que procura uma nova perspectiva em relação à difusão de padrões de beleza.

Palavras-chave: Corpo; tropical; consumo.

